

A luta do humano até o humano: a poesia de *O ato de respirar* de Sony Labou Tansi

Jorge Morais*

Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos, Brasília, DF, Brasil. Doutorado. Ensino de língua francesa.

 <https://orcid.org/0000-0001-8097-3600>

Recebido em: 28 mai. 2023. **Aprovado** em: 22 ago. 2023.

Como citar este artigo:

MORAIS, Jorge Finatec. O ato de respirar. Tradução de Takashi Wakamatsu. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2021. 112 p. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. 2, p. 326-331, ago. 2023. Doi: 10.5281/zenodo.8302823.

A tradução de poesia africana no Brasil é um fenômeno raro. Desde a publicação de *Poemas* de Leopold Sédar Senghor em 1969 tivemos, salvo engano, apenas a tradução de Tahar Ben Jelloun do Marrocos (em 2003) e de Jean-Joseph Rabearivelo de Madagascar (em 2004 e 2009). Coincidentemente ou não todos esses autores escreveram literatura em francês na África. Um escritor como Wole Soyinka ganhador do Nobel e anglófono permanece ignorado, ou seja, nem o prêmio Nobel serviu de estímulo para a tradução de alguns de seus poemas. A poesia não tem sido o principal gênero do sistema editorial mas é forçoso constatar que não faltaram traduções de poetas do francês, inglês ou outras línguas desde 1969 no Brasil. O problema está alhures como se pode imaginar e a publicação do livro ora em análise também tem relação com o contexto da literatura brasileira recente.

A tradução de *O ato de respirar*, de Sony Labou-Tansi (doravante SLT) pode ser saudada, então, com algumas ressalvas, sendo o principal descuido do livro o de não apresentar o contexto da obra aos leitores brasileiros, o que pode permitir leituras generalizantes que busquem encaixá-la em uma literatura africana exotizada. Tento corrigir isso propondo uma leitura atenta do livro que se pretende contextual e responsiva (no sentido bakhtiniano). Se SLT



jermorais@hotmail.com

é apresentado de maneira muito competente por Lilian Preste de Almeida (especialista em Aimé Césaire) em seu pós-fácio, fazendo uma interpretação exotópica do autor, tentarei fazer ao contrário, uma análise *endotópica*, ou como se dizia *simpática* no sentido estético e além disso buscando praticar uma *explicação do texto*.

Para começar podemos perguntar qual o contexto de escrita da obra que pode ajudar a iluminá-la para nós? SLT começou sua carreira de escritor destinado a se tornar poeta sob a influência de clássicos franceses (Hugo e Rimbaud, principalmente) e autores da Negritude (Césaire e Senghor) mas deu de encontro com outra realidade: como mostrado por Claire Ducournau e Céline Gahungu após um interesse inicial em grande parte condicionado pelas lutas anticoloniais e independentistas, o mercado literário francês já não se interessava pela poesia dos africanos de língua francesa, havendo uma mudança em direção ao romance.

SLT escreveu poesia durante toda a sua vida mas nunca a publicou e ela permaneceu manuscrita. *O ato de respirar* foi o primeiro livro de poemas do autor a ser lançado, em 2005, dez anos após a sua morte, em um *box* que inclui parte de sua correspondência e o romance *Machin la Hernie* (versão não editada de seu segundo romance publicado em 1981 *L'État honteux*). A tradução foi realizada a partir dessa versão, e não da edição genética de sua poesia completa de 2015, o que levou, infelizmente, a um erro na tradução do poema 6, da versão 2 que havia sido corrigido na citada edição crítica de seus poemas em 2015 embora isso não seja mencionado (provavelmente havia alguma página do manuscrito fora do lugar).

Segundo a correspondência do autor os poemas foram escritos entre abril e maio de 1976. Quem é SLT nessa época e como isso se refrata em sua obra? Em 1976 SLT é um jovem professor de francês e de inglês de 29 anos sobrecarregado com o trabalho e que usa as noites para escrever poesia desde o final do Liceu (correspondente ao Ensino Médio); e, desde 1969, com 21 ou 22 anos participa do Concours Théâtral Interafricain com limitado sucesso: duas de suas peças alcançaram o segundo lugar. O autor visitara a França na temporada de inverno entre 1973 e 1974 e tentara publicar uma antologia poética até então sem despertar o interesse dos editores. O contexto político mais amplo da (então) República Popular do Congo era de pura repressão política. Após a independência em 1960, e de um primeiro governo de viés marxista-leninista relativamente estável, o país passa por um golpe militar e estabelece-se uma ditadura ainda à esquerda mas de partido único em 1969, o Partido Congolês do Trabalho. Tendo sofrido duas tentativas de golpe (em 1972-73 e 1975) e repellido

ambas com sucesso, o presidente Marien Nguabi assegurou um novo mandato de cinco anos em 1975. A literatura sempre funcionou como uma válvula de escape para o autor durante toda a sua vida e a poesia que lemos aqui apresenta esse mesmo aspecto. É nesse contexto, portanto, que a obra se insere e ao qual responde: um jovem professor sobrecarregado, que só encontra na noite um momento livre para escrever e que sonha em escrever profissionalmente há 8 anos, mas não obtém sucesso; e, está diante de um regime opressor que parece renovado por, pelo menos, mais 5 anos. Isso se retrata nos dois grandes temas do livro: a vida vivida como falsa, a verdadeira vida a ser criada ou vivida na literatura e a partir da literatura (a literatura acaba por se tornar um pretexto para a vida, um bote salva-vidas); e, o ser humano sob uma ditadura reduzido ao seu corpo, daí algumas imagens viscerais dos poemas que sempre atraíram a crítica, o que veremos mais extremadamente no seu primeiro romance, de 1979, *La vie et demie* (notadamente comentado por Achille Mbembe em *Crítica da Razão Negra*). Apenas o poema 7 da segunda versão do livro parece escapar a esses esquemas, adquirindo uma estranha cor local, exótica, à qual o autor sempre se opôs em sua obra e que pode ser vista como resultado de um cansaço na busca da vida na literatura e um breve vislumbre da vida em torno de si.

É preciso começar a leitura a partir das *introduções-prefácios* nos quais SLT assume um tom profético e visionário e uma linguagem cifrada, de través, para propor seu programa, um novo mundo. SLT sempre usou os prefácios de suas obras dessa maneira. No prefácio, ele contrapõe a vida, o existir, o ser humano e o poeta ao vazio, ao esvaziamento da vida. A diferença do humano-poeta seria sua teimosia em criar. O texto é cheio de interrogações em seu segundo parágrafo no qual usa anaforicamente doze negativa. As figuras citadas lá correspondem a várias imagens dos anos de 1960 e 1970. Ele contrapõe o *candidato* (o político profissional, que ele odiava) ao *voluntário*. Na introdução-prefácio à segunda versão do livro ele diz que “Os revolucionários fracassaram, e seu fracasso é mais miserável que o dos escrotos no poder.” (na tradução de Takashi Wakamatsu), ou seja, faz uma crítica ao sistema político do Congo e à decepção com as independências africanas que legaram o poder aos *escrotos*. Logo na frase seguinte, ele critica também a Guerra Fria dizendo “Os burgueses fracassaram como seres humanos, os revolucionários fracassaram como deuses”. Entre os dois campos, Sony sempre propôs uma terceira via, nunca muito bem definida, mas discutida por ele em seus ensaios publicados em 2015, que pode ser resumida a um Humanismo renovado.

O poema 1, em ambas as versões, é o que se destaca pela extensão e começa como uma fábula com as palavras “Era uma vez”, o que se torna uma moldura para o poema. Há um trocadilho com o homófono francês “fé” (*fois*, vez e *foi*, fé) que foi perdido na tradução e o autor usa o pano de fundo de fábula e da homofonia para criticar as fés políticas (o “Reino da Cacá”) e a “fé vermelha” (em tradução minha) de seu tempo e país. De maneira geral, o poeta contrapõe a vida vivida como falsa e a poesia como criadora de outro mundo, real. O poeta tem o “dever”, a “dívida”, a “sabotagem” de respirar. Ele luta pelo “título de humano”, pela “menção / de / lagarto” e pela “patente / de / sapo” através das palavras. Cabe dizer que havia uma corrida por diplomas no Congo da época com o próprio presidente buscando se graduar. SLT demonstra sua aversão a essa situação e além do mais, para ele a poesia e o país são lama, daí seu desejo de patente de sapo. Ele ousa ser “Eu”, o “horrível/burguês do eu”. A morte está no “vazio venéreo / a que chamavam / a / vida”. A versão dois do poema 1 parece mais elaborada, usando imagens muito semelhantes. É de notar-se a inclusão de versos no início e no final do poema reforçando seu enquadramento: “Meu coração queima / Nesse inferno de palavras” e “O / mundo / é o nada / em construção –”. Há mais de uma versão do poema devido a mania de escrita do autor, ele não reescrevia suas obras diretamente, mas deixava variações delas.

No poema 2, o poeta escreve à noite no fundo “inabitado das coisas, das palavras da [sua] obsessão”, ele marca o passo “/ sobre / a / raça / das / estrelas /”. Escrever mais do que um refúgio para uma vida insossa torna-se pretexto para continuar vivendo, o que se entendido literalmente é um verso forte considerando o contexto do autor. O autor passa a contrapor *aqui* e *lá*, sendo o *aqui* definido como pequeno, limitado, de bolso e o *lá* onde a linguagem é mendigada e falha ao nomear as coisas, é uma linguagem de palha. As pessoas tentam corrigir o mundo e quase esqueceram a vida verdadeira que passa sem que se saiba aonde vai. Para fugir a isso é preciso a hipérbole (“meu nome é vertigem”). O eu hiperbólico no seu mundo de palavras habita, constrói, bebe e come, respira, faz amor, póvoa a matéria que não se habita. O poema parece falhar, mas o poeta consegue retomá-lo em seu “boxe” com a matéria. No fim, pela palavra ele ultrapassa a vida.

O poema 3 ainda retoma a passagem do tempo e a necessidade de viver através da palavra (“fazer brechas na carne”, “pegar a existência pelos cabelos”, “passar no sonho dócil que cava as coisas”, “derrubar o universo”) mas dessa vez as palavras falham ao poeta e o poema parece ficar incompleto.

No poema 4, o país é de carne e o escritor é seu cidadão. Aí ele matou vinte anos “de covardia” e a alma perdeu sua seiva. O país é o ferro velho dos universos. Por que ele sente necessidade de “ensinar o sangue às coisas”, ou seja, de escrever poesia? As palavras são a única pátria de verdade. Nesse falso mundo de pedra, a palavra só pode ser mineral. As palavras deste mundo falso só podem afastar o sol e a vida e aqui aparece pela primeira vez a imagem, retomada no poema 6, de que a verdadeira vida está por vir, no futuro, e de que o presente é uma mentira. A palavra e o ser humano no presente estão desertos e ela só pode ser linguagem da morte, da matéria.

No poema 5, as palavras são metaforicamente ruínas de palavras em que nevam restos de voz e os jovens procuram fugir a essa realidade na bebida ou no sexo que se mostram mentirosos. Há uma repetição de diferentes metáforas para a o tempo que passa e ele é a “espuma dos mundos”, os “cem mil dias amarrados”, o “forro da mentira humana” ou “essa morte jovial”. Com sua enumeração o poema lembra uma busca desesperada por paraísos artificiais.

O poema 6 é bastante forte porque nele o poeta nega a própria existência e a incapacidade da linguagem para falar sobre isso. O Eu ainda está porvir. O ser aparece dividido pela realidade enquanto a consciência nega sua existência. A poesia seria uma arma contra a matéria e a vida é desmentida quando nomeada. Os poemas são incendiados de uma existência inabitada e através da palavra o poeta aparentemente recria o mundo. É preciso brutalizar as palavras, assassiná-las, cavar lagos de signos. É preciso forçar as palavras, deslocar a matéria, abrir espaço. Mas, no final, resta a dúvida sobre se a palavra é forte o bastante para revelar o verdadeiro eu.

Finalmente, o poema 7 é o que mais foge ao padrão do livro e que destoa dele por apresentar uma cor local através de palavras como “baobá”, “mato”, “calangos”, “pirogas”, “vilazinhas” e “cabrito”. É também um poema muito visual em sua brincadeira com as cores: o cáqui da vilzainha à beira do rio, do “voluntário / de / uniforme” e do próprio rio, o “sonho / amarelo das laranjeiras”, a palavra “verde”, o “branco das veredas” em giz da outra margem do rio e o “amarelo-gema / de / sol”. Um velho bebe no rio o “insaciável / circuito / dos / sonhos / e / na / outra / margem / a / matéria agressiva / do / sonho / agredia / a / tribo / dos / púmices”. É de se observar que a cor marrom ou cáqui faz referência em SLT aos militares e ao Congo, terra da lama. A outra margem do rio parece ser a utopia e o rio então é a fronteira para o sonho, amarelo, verde, cáqui branco, amarelo gema.



Concluo retomando a introdução e dizendo que é importante editoras brasileiras se aventurarem a publicar poesia africana traduzida sem passar pelo intermédio dos ditames do mercado norte-americano, mas que é preciso cautela com a leitura que é feita dela. SLT é um autor refratário a classificações fáceis e exotização. Não há nesse livro referência à raça ou África (a não ser, talvez, no poema 7) como uma leitura apressada pode dar a entender embora esses temas sejam vistos em outros poemas de SLT. *O ato de respirar*, especificamente, marca uma mudança em sua poesia da expansão para a concisão e suas duas temáticas principais, uma espécie de escape e confissão, são características suas.